

POR MAIS AFETO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thayne Garcia Silva
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil/Faced- UFU
SME de Uberlândia

thayne_garcia@hotmail.com

Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende.
Faculdade de Educação- UFU
valresende@ufu.br

Resumo

Este artigo visa discutir a atuação docente na educação de bebês e de crianças bem pequenas, tendo o afeto como elemento constitutivo da comunicação emocional e de uma prática pedagógica comprometida com a diversidade e singularidade de cada criança. Este estudo é decorrente de uma investigação de cunho essencialmente qualitativo, cujo recurso metodológico foi a fotografia, isto é, os registros fotográficos de crianças. Para o diálogo teórico, tomamos como interlocutores os estudos de Fernandez (1991), Vigotsky (1995), Sarmento e Pinto (1997), Nascimento (2013), Abramowicz e Oliveira (2010), Mello e Singulani (2014). A geração de dados foi a partir de atividades cotidianas da sala de um agrupamento de crianças de 10 meses a 1 ano e 11 meses, de uma escola municipal de educação infantil da cidade de Uberlândia/MG. Os resultados da investigação indicam a relevância das primeiras relações afetivas na constituição da individualidade e particularidade de cada criança que se manifestam nas múltiplas interações entre os bebês e crianças bem pequenas com o adulto. As atividades do cotidiano e seus registros fotográficos provocaram escutas, interações, olhares, colo num diálogo profícuo balizado pelo afeto entre o fazer docente e a criança. Sinalizam também a importância de práticas pedagógicas que estabelecem a comunicação emocional das crianças pequenas, considerando as diferenças, os tempos de aprendizagem e desenvolvimento de cada uma no intuito de garantir um processo de humanização singular forjado no coletivo infantil.

Palavras-chaves: Prática pedagógica, afeto, crianças pequenas.

Eixo temático: 2 Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

Introdução

Este artigo resulta da pesquisa e reflexões geradas a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, realizado como exigência do componente curricular TCC 2 do curso de graduação de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia intitulado como “A escrita de si e narrativas fotográficas como possibilidade de uma práxis docente” apresentado em dezembro de 2018.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado na modalidade de um Memorial de Formação que buscou por meio do diálogo entre a formação docente, a prática pedagógica e

as crianças, mediado pelos registros fotográficos e a escrita das memórias das cenas, dos assombros, descobertas das falas e comportamentos das crianças no cotidiano escolar, refletir como os registros escritos e o movimento convergente entre formação e atuação docente se fazem significativos instrumentos no processo formativo e constitutivo de ser professora e de reflexão da práxis.

Assim, a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, foram adotados, dentre os procedimentos metodológicos, registros fotográficos das crianças em interação com os seus pares em atividades cotidianas e os diários de bordo com os registros das provocações teórico-críticas acerca da prática educativa em ação.

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública de Educação Infantil da rede municipal de Uberlândia, com uma turma de 18 crianças do G1, que correspondia ao agrupamento de crianças nascidas de 1º de abril de 2016 a 31 de março de 2017, sendo assim, crianças entre 10 meses e 1 ano e 11 meses de idade.

Para fins deste trabalho, discutimos as relações de afeto, emoção e razão de bebês e crianças bem pequenas na constituição de uma prática pedagógica significativa, atravessada pelo contexto escolar, na busca de repensar as práticas docentes bem como superar a ideia que distancia afetividade e competência profissional.

Uma vez que as inúmeras pesquisas científicas nas áreas da Neurociência, Psicologia, Educação, Psiquiatria, dentre outras, têm demonstrado que ações humanizadoras nos primeiros anos de vida da criança são decisivos para a constituição do psiquismo humano:

aprendemos a ser quem somos com as pessoas com quem convivemos, com a maneira como somos tratados, com aquilo que nos permitem fazer e também com aquilo que não nos permitem, com as experiências que vivemos e como nos sentimos nas relações que os outros – especialmente os adultos – estabelecem conosco e com as relações que estabelecemos com eles. (MELLO, SINGULANI, 2014, p.37).

A partir desses apontamentos, apresentamos análises dos dados imagéticos¹ que demonstram que bebês e as crianças bem pequenas se constituem como sujeitos ativos, competentes, potentes, de direitos, coconstrutores de conhecimento, identidade e cultura, tendo o afeto como linguagem constitutiva desse processo, na medida em que as práticas pedagógicas do dia-a-dia possibilitem oportunidades, situações e espaço-tempo para o processo de humanização entre crianças e adultos. A partir do sujeito mais experiente que

¹ No ato da matrícula escolar os pais assinam um termo de autorização para o registro fotográfico e uso de imagem das crianças. Portanto, todas as fotos presentes neste trabalho tem consentimento dos responsáveis legais das crianças.

estabelece a linguagem emocional com as crianças pequenas que possibilitará a elaboração e internalização das sensações boas ou ruins, promovendo o desenvolvimento afetivo das crianças, as quais, em suas novas experiências e interações com seus pares e com o ambiente, vão vivenciando afetos, contatos, numa comunicação emocional com o mundo, mediado por uma prática pedagógica comprometida com o direito da criança de ser criança na perspectiva da constituição e diferença humana.

Afeto, emoção e razão

As crianças, sobretudo, as bem pequenas e as pequenas, quando entram na escola passam por um difícil período de adaptação. Adaptação à escola, a sala, a rotina, aos colegas e as professoras, afinal, tudo é novidade e são pessoas totalmente desconhecidas.

É uma fase de muito choro, insegurança e medo que para ser superada exige respeito, acolhimento e afeto a fim de que seja possível que a criança se constitua e aprenda de modo significativo, tendo em vista que, assim como os adultos, a criança não é um ser fragmentado em cognitivo, social e afetivo, mas um ser inteiro, completo, contextualizado e relacional.

Entretanto, ainda é bastante comum na escola a separação entre razão e emoção, o que torna rotineiras frases como: “Se for carinhosa demais as crianças não te obedecem”, “Não dá colo senão pega manha”, “Sou a professora e não a mãe”.

Essas frases evidenciam, segundo Montenegro (2001, apud TRISTÃO, 2004, p.155), que a sociedade ainda considera as atividades de cuidado menos importantes do que as que envolvem a racionalidade e que, portanto, o cuidar assume sinônimo de assistência e custódia, indo em caminho oposto ao caráter racional e profissional, tornando-se assim, empecilho para o reconhecimento e valorização da profissionalização do docente da educação infantil e gerando a incompatibilidade entre a formação profissional e o prover, o cuidado do outro e das relações de afeto.

Todavia, é preciso descartar essa falsa separação entre seriedade docente e afetividade e, como afirma Tristão (2004, p.161), “ter a clareza que incorporar atributos afetivos na atuação profissional não retira dela as características de desempenho técnico necessárias para a sua valorização”.

Assim, entendendo que a afetividade como parte do cuidado, também tem caráter educativo e constitutivo na formação das crianças, conclui-se que também assim, que ela faz parte da ação docente e marca, portanto, a formação de professores.

Fochi (2013, p.87), afirma que “em uma relação de extrema complexidade e sutileza, a docência é constituída por essa imagem da criança, que, automaticamente, vai construindo uma imagem de professor”.

Nessa perspectiva, o afeto, o cuidado, a emoção, o carinho, o contato com suas marcas psíquicas, históricas, sociais e pessoais, transformam, humanizam a criança que por sua vez humaniza a nossa docência.

Fotografia 1 – Afeto, emoção e razão



Fonte: Arquivo pessoal

Esse dado fotográfico nos permite pensar que o cuidado-educação é inerente às relações humanas, e, portanto, condição da nossa prática docente. Nesse sentido, cabe perguntar: por que as instituições de educação infantil ainda negligenciam afetividade, sensibilidade e humanização? Por que as práticas escolares negam o toque, o colo e o afeto-cuidado? Que fundamentos teóricos estão enraizados e adotados como verdade nessas práticas que negam o afeto, o colo e o toque entre crianças e entre elas e adultos?

Em que momento da formação docente abre-se o diálogo ao acolhimento do eu e do outro? É possível uma formação sensível e ao mesmo tempo profissionalmente competente?

Percorrendo ainda caminhos por entre relatos e reflexões sobre emoção, sensibilidade e afeto, segue o relato de uma atividade realizada como parte integrante de um projeto que propunha o trabalho temático sobre identidade e família.

Dentre as atividades investigadas, teve o projeto pedagógico que solicitou aos pais que levassem fotos de sua família para a exploração das mesmas em sala de aula. A professora

depois de contar uma história e conversar com as crianças sobre o que é a família e suas diferentes composições, colocou no centro da roda de conversa todas as fotografias levadas pelos pais para que cada criança identificasse a sua própria família e colasse a imagem em um cartaz que ficaria exposto na sala.

No decorrer da atividade, as crianças ficaram bastante eufóricas por se identificarem e reconhecerem seus familiares nas fotos e uma a uma, foram colando as imagens que iriam compor o cartaz.

Na fotografia a seguir, o Augusto², 1 ano e 4 meses, ao colar a foto de sua família no cartaz e ser instigado a contar aos colegas quem eram aquelas pessoas foi tomado pela emoção e ficou bastante sensibilizado.

Fotografia 2 – Afeto, emoção e razão



Fonte: Arquivo pessoal

Nessa perspectiva, como afirmar que as crianças bem pequenas não são capazes de se emocionarem? Como afirmar que elas não entendem ou que se entendem, fazem do pensar e sentir ações dissociáveis? Poderiam os professores atuar apenas em aspectos cognitivos e ignorar os aspectos emocionais que também estão em processo de descoberta e formação?

² Todos os nomes de crianças apresentados no presente trabalho são nomes fictícios.

As crianças estão, ainda que não verbalmente, dizendo algo o tempo todo e, por isso, a importância de as professoras voltarem o olhar para cada uma delas de modo único e observar seus fazeres.

Conhecer as crianças é parte fundamental para a realização de uma prática docente significativa, pois dará ao professor condições de perceber a alteridade de cada uma e perceber suas preferências e os seus diferentes modos de ser, agir e sentir, respeitar seus desejos, estabelecer uma forma de comunicação que supere a oralidade exclusiva e contribuir positivamente, assim, para a sua constituição, aprendizados e humanização.

Um exemplo vivido cotidianamente acerca disso, é o momento do sono.

Nas turmas de G1 o horário do sono no período da manhã ocorre logo após o almoço, por volta das 10h30, em que são dispostos os colchões com lençóis pelo chão da sala para que as crianças possam descansar.

Para esse momento circulam uma gama de discursos prontos que dizem como agir, embora não haja nenhuma procedência teórica ou normativa.

Dizem que os profissionais da sala não podem deitar nos colchões, que esse é o único momento em que é permitido o uso de bicos, cobertas, fraldas, ursinhos ou quaisquer objetos trazidos de casa, que as crianças devem ficar de bruços ou de lado para que possa ser balanceada – uma ação distante de ninar – até que elas peguem no sono.

No entanto, cada criança tem sua individualidade, singularidade, particularidade que também se aplicam na hora do sono e em todo o seu processo de humanização, o que permite problematizar a padronização imposta pela escola acerca do modo que se dorme, dentre outras práticas escolares, distantes das práticas culturais.

Muitas crianças demonstram total desconforto e dificuldade para dormir e ainda assim, as vontades e preferências delas tornam-se irrelevantes mediante os desejos de praticidade e comodismo de professoras e educadoras.

O respeito pela criança perpassa pelo respeito de sua individualidade.

O respeito pela criança está intrinsecamente marcado pela formação e concepção de professoras e educadoras acerca da infância, dos direitos das crianças e do respeito à identidade legítima de cada bebê, crianças pequenas, enfim de todas as crianças que atravessam o cotidiano das escolas.

Nas fotografias a seguir foram registrados dois momentos distintos, em que na primeira imagem aparece a Beatriz, 1 ano, já dormindo no colo da pesquisadora e na segunda, outro momento em que a Bianca, 1 ano e 9 meses encontra por si mesma a melhor posição para dormir e segura a mão da pesquisadora.

Tais práticas, embora pareçam simples e rotineiras, são na verdade, práticas incomuns no dia-a-dia da escola, em que frequentemente todas as crianças são colocadas em uma mesma caixinha, enquadradas como iguais, com padrões de comportamentos esperados e modos de ser e agir semelhantes, desconsiderando-se assim, toda a pluralidade de suas infâncias.

Fotografia 3 – Afeto, emoção e razão



Fonte: Arquivo pessoal

Esse dado imagético nos provoca a perguntar por que não acolher, não tocar em nossas crianças? Por que não dar um colo para uma criança que nos pede, que às vezes, nos implora um contato humano, seja com o olhar, seja com um choro, seja com um comportamento de birra.

Na busca de compreender o afeto na sua dimensão humanizadora, podemos observar que as crianças constantemente escolhem os brinquedos que querem brincar, os lugares que querem explorar, os parceiros que querem interagir, os adultos que tem mais afinidade para se relacionar, contudo, as escolhas das crianças passam pelo crivo dos adultos que as permitem ou as desautorizam, denunciando assim, a dificuldade ou até a incapacidade de superar a visão adultocêntrica e controladora que está impregnada em professoras e educadoras para conseguirem legitimar o jeito próprio das crianças serem e agirem no mundo.

Por isso, pensar sobre afeto e emoção de modo racional e sobre o cotidiano escolar como um ambiente de vida é preciso e urgente, pois nele, as crianças estão aprendendo sobre o mundo e, com isso, aprendendo sobre as relações humanas, sobre o outro e sobre si.

Sendo assim, as condições criadas a elas e a forma como se permite que elas sejam e estejam, é o que garantirão o seu desenvolvimento integral e pleno (FOCHI, 2013).

Considerações finais

Assumir que a criança, na condição de ser inteiro que não se fragmenta entre razão e emoção e como mediadora das práticas pedagógicas, configura-se um elemento constitutivo da docência para a educação infantil, que se faz na inter-relação entre a formação, as crianças e os confrontos cotidianos da concretude da sala de aula.

Segundo Tardif (1991), a docência é uma profissão que se constrói cotidianamente, em que além dos conhecimentos da formação, do currículo e da disciplina de ensino, os saberes da experiência que são desenvolvidos e construídos no exercício da profissão e por ela validados, também são parte formativa fundamental no processo contínuo de ser professor. E, fundamentalmente também pelo aprendizado com o outro e com as crianças, uma vez que, falar das crianças que atravessam a docência é (re)significar o ser professora, é buscar a práxis na formação.

Práxis, aqui entendida em consonância com a definição de Sánchez Vázquez (2007, p. 266, apud BERBEL, 2013, p.330), que considera que “práxis é a ação do homem sobre a matéria e que através dessa ação ele promove a criação de uma nova realidade”, sendo, portanto, a práxis uma atividade consciente, informada, reflexiva, intencional e transformadora.

Berbel (2013, p.326), complementa afirmando que a práxis é o termo que pode sintetizar a relação entre teoria e prática e que por ser compreendida como uma relação dialética, que

não procura o equilíbrio, o ajuste, a acomodação de uma com a outra, mas a sua contradição, ou seja, uma tensão permanente entre elas [...] entendemos, portanto, não significar harmonia entre seus elementos, mas uma contínua possibilidade do avanço da compreensão de um e de outro, exatamente pela constante tensão ou conflito entre ambos.

Dessa forma, as crianças também protagonizam um papel formador para o professor, uma vez que, a fim de responder as demandas, necessidades, expectativas, dúvidas, provocações, saberes e emoções delas, o professor, busca a práxis na formação como um movimento que assegura ações refletidas em prol de criar novos sentidos e mudanças no modo de pensar, estar no mundo, de ser e de ser professor.

Sendo assim, se faz fundamental o repensar de uma formação de professores mais inteira associando razão e emoção, afeto e cognição sendo atravessada pela transformação do sujeito através de uma experiência formativa aliada à experiência humana e estética.

Por fim, também é imprescindível a constante e contínua reflexão dos fazeres pedagógicos, bem como das práticas psicopedagógicas, com intuito de contribuir para a formação de uma escola que não separa afeto e intelecto e seja capaz de estabelecer cada vez mais relações vivas dotadas de sensibilidade, parceria e inteireza que possibilitem enxergar e provocar marcas do e no outro na perspectiva da diferença humana oportunizando experiências que transformem e humanizem por meio de uma educação dotada de qualidade e significado.

Referências

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Didática e Práxis**. In: II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Londrina: UEL, 2003. p. 321 – 336.

FOCHI, Paulo Sergio. **"Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?": Documentando ações de comunicação, autonomia e saber -fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Tese (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. **Os professores face ao saber docente: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria e Educação, n. 5, p. 215-233, 1991.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser Professora de Bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada**. Florianópolis, 2004. Tese (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.